

DIRCEU MAGRI

ENTREVISTA¹

Releituras com Candido

Dirceu Magri é bolsista CAPES/PNPD alocado no DLA-Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa-UFV. Tradutor e professor, lecionando nas áreas de Língua e Literatura Francesas, Literatura Brasileira e Teoria Literária, doutorou-se em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) pela Universidade Estadual de São Paulo-USP, com doutorado-sanduíche pela Université Paris-Sorbonne, apresentando a tese intitulada *Aspectos da presença de autores franceses do século XVIII nas crônicas machadianas e suas implicações intertextuais*, que resultaria no livro *Borboletas e colibris em sobrevoos: a presença francesa nas crônicas machadianas* (Editora FAP-Unifesp, 2016). É membro da La Société Française d'Étude du Dix-Huitième siècle- SFEDS, participa Grupo de Estudos Brasil-França- GRUPEBRA-IEA-USP, é membro associado a ABESXVIII e editor das Revistas *Non Plus* e *Jangada*. Atua principalmente nos seguintes temas (sobre os quais tem publicado artigos): Relações Literárias Brasil-França, Literatura Francesa, Literatura Brasileira, Literatura Comparada, Voltaire, Século XVIII francês, *Lumières*, intertextualidade, Machado de Assis, crônicas, periódicos oitocentistas e *transfert culturel*, sendo este o aporte teórico de sua pesquisa de pós-doutorado em desenvolvimento.

1. Você se lembra de quando leu algum trabalho de Antônio Candido pela primeira vez? Pode nós explicar em qual contexto isso se deu e como foi sua reação?

Meu primeiro contato com a obra de Candido deu-se na USP, em uma disciplina de Estudos Literários. Contudo, guardo do crítico uma reminiscência bastante anterior, que se resume a

¹ Entrevista realizada por **Joelma Siqueira** em fevereiro de 2019. Revista pelo autor em 06/6/2019. Editada pelos editores.

uma foto. Nela, Candido, homem maduro, está sentado em frente a uma estante repleta de livros, os óculos jazem sobre a mesa, ao lado da estante, uma planta, e, ao lado da planta, uma janela entreaberta por onde entra alguma luz. Lembro-me com precisão dos livros: os da parte superior da estante, a mim, pareciam-me inacessíveis; de capa dura, sugeriam edições bem cuidadas e caras, possíveis obras raras; os da parte inferior, lombadas de cores branca e cinza, lembravam-me uma coleção sobre a História do Brasil, que cheguei a manusear em uma biblioteca. Havia também um vaso enorme entre os livros, talvez de cerâmica, cuja forma trazia-me à memória as cabaças que a floravam na roça de um tio. Lembro-me ainda de que a foto encabeçava uma curta reportagem na qual o autor contava que, morando em Poços de Caldas, esperava ansioso a chegada do trem, quando comumente recebia alguns livros. Devaneios à parte, a primeira obra de Candido foi-me indicada pelo professor responsável pela já mencionada disciplina. Trata-se de *Na Sala de aula*, um compêndio de análises de seis poemas que o crítico escrevera entre os anos de 1958 a 1960, quando ainda ensinava Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis, SP. Afora o cuidado com que preparava suas aulas, nota-se nas análises uma postura sóbria, simples, reveladora da humildade do pesquisador, resultando em reflexões horizontais, nada impositivas, razão pela qual, ao serem publicadas em volume duas décadas após a elaboração, Candido, em curto prefácio, afirma: “cada abordagem de um texto poético pode alterar a maneira de entendê-lo; mas sabem também [os professores de literatura] que o nosso ofício obriga a apresentá-las, por mais insatisfatórias que sejam”.

Minha leitura de *Na Sala de aula* concretizou-se com a produção de um pequeno texto sobre “Movimento e parada”, primeiro capítulo do referido livro, levando-me a reler *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Ousado, ao comentar a análise do Mestre, arvorei-me crítico, não sem deixar de render-lhe alguma homenagem por ter-me ensinado a apreciar detalhes, níveis e significados impressos na obra que, sem a sua ajuda, jamais os teria notado. Embasado por leituras de Carpeaux, Bosi, Eco e Adorno, comentei o trabalho de Candido à luz de “Lírica e sociedade”, deste último, texto em que o filósofo sustenta que “a interpretação social da lírica, como aliás de todas as obras de arte, não pode portanto ter em mira, sem mediação, a assim chamada posição social ou a inserção social dos interesses das obras ou até de seus autores”. Ocorre que Candido, ao iniciar seus comentários a *Caramuru*, destaca a questão ideológica implícita no poema, ressaltando “a presença constante da violência e da opressão, disfarçadas por uma ideologia bem arquitetada, que tranquiliza a consciência”. Tal afirmativa, principalmente quando associada aos nossos dias “brutos e agressivos”, ganha dimensão justificável e corrobora a análise do crítico, porém, pouco antes, Candido disparara contra o

próprio Durão, numa leitura em que o passado (e obra) colonialista é lido à luz de conceitos político-ideológicos cunhados ao longo do século XX, algo que, acredito, relativiza obra e autor, sobretudo se levarmos em conta o sufocante patrulhamento em que vivemos, razão pela qual disse em meu trabalho que Candido estaria provocando a antipatia de novos leitores para com o poema épico de Durão. Óbvia e simplista talvez tenha sido a minha observação naquele momento, mas, consideradas as assertivas de Adorno, das quais me armei e nas quais afirma que toda e qualquer ideologia surge como “inverdade, falsa consciência, [e] mentira”, argumentei que Candido fora traído por si mesmo na medida em que sua crítica é pautada por uma ideologia que desponta das entrelinhas e que, em si, também está empenhada em escamotear interesses particulares, tornando-os universais. Assim, desvelo minha ousadia ao criticar o crítico, contra-argumentando sua leitura de Durão; hoje é provável que uma releitura do épico faça com que reveja meu primeiro encontro com Candido. Sabe como é, a gente se torna meio *scriptor*, reescreve a cada releitura, por isso talvez viesse a rearranjar as coisas, reorganizar minhas interpretações, ficcionalizando-as, mas é fato que Candido contribuiu para o entendimento de muito das entrelinhas.

2. Posteriormente, os trabalhos de Antonio Candido contribuíram para suas pesquisas? Poderia destacá-lo(s) e explicar um pouco como se dá o diálogo entre o trabalho de Antonio Candido e o seu?

Como não apreciar um crítico que afirmava sempre ter tido mais intuição que método e que considerava a crítica “um gênero auxiliar, sem a importância dos gêneros criativos”? Candido tem dessas coisas: escreve de maneira cursiva, encantando o leitor, conduzindo-o ao sabor do seu raciocínio e de suas intuições, de maneira que as ideias espalhadas pelo texto de forma subreptícia se coadunam e nos revelam a estrutura de romances, contos e poemas, uma estrutura carregada de sentido, que dialoga com a sociedade e o meio em que foi produzida, não se curvando a eles, espelhando-os tais como são e sem subterfúgios. Por esta razão, a mim, Candido tem-se mostrado um desses pilares de apoio teórico, pois, destituído dos exageros do eruditismo, ajuda-nos a “entrar” no texto, a trabalhar o texto, uma vez que este deve se sobrepor à causa. Ao pensar meu diálogo com Candido, cheguei à conclusão de que tenho sido bastante egoísta, individualista; a técnica é a do canibalismo puro e simples. No instante em que rascunho o que escrevo, vêm-me à memória os versos de uma canção que ilustram essa minha relação com o crítico:

“Vamos comer Caetano/ Vamos desfrutá-lo/ Vamos comer Caetano/ Vamos começá-lo/ Vamos comer Caetano/ Vamos devorá-lo/ Degluti-lo, mastigá-lo/ Vamos lamber a língua.”

Troque-se Caetano por Candido e a coisa funciona mais ou menos assim. Não que tenha a necessidade de citá-lo *ipsis litteris* a cada trabalho, mas a releitura e os conselhos do crítico fluem de forma natural, intertextualmente, e trechos de *Literatura e Sociedade* figuram-me, às vezes, sagrados, à guisa de versículos bíblicos. Veja: hoje, por exemplo, ao desenvolver minha pesquisa de pós-doutorado, momento em que me debruço sobre os periódicos oitocentistas em busca de inter-relações no âmbito da circulação das ideias entre as literaturas francesa e brasileira, mais precisamente a presença de autores Iluministas franceses que, vulgarizados através dos jornais, transformaram-se em um chão cultural comum e manuseado à exaustão pelo leitorado, a exemplo do *bon sauvage*, de Rousseau, retomado por literatos e pelas ciências sociais às voltas com a necessidade de explicar, entre outras coisas, a nossa identidade, Candido me é de grande valia. Explico-me: ao trabalhar estas inter-relações, procuro abordá-las através da *transferência cultural*, noção cunhada por Michel Espagne, que procura ir além da transferência pura e simples, concentrando-se no metamorfosear, isto é, na “dinâmica de ressemantização”, na transformação de sentidos que um dado cultural provoca ao ser transposto de um contexto a outro sem, contudo, deixar de ser reconhecido em razão dos vetores históricos implicados em sua passagem. Nessa lógica, é, não só notável, mas bastante proveitosa, a argumentação de Candido na introdução de *Iniciação à Literatura Brasileira*. Ali, de pronto o crítico enuncia a problemática de se rejeitar os influxos externos em prol de uma teoria nacionalista, atitude que considera compreensível, porém, patética. Ao relativizar o “começo” da nossa literatura sustenta que durante o processo de colonização “houve o transplante de línguas e literaturas já maduras para um meio físico diferente, povoado por povos e raças, caracterizados por modelos culturais completamente diferentes”. Dito isso, desdizer o crítico e postular certa originalidade denota, no mínimo, desconhecimento. O que estranha, às vezes, é constatar que embora Candido falasse de um pensamento instaurado nos meios literários pós Independência, em nossos dias, vira e mexe aparecem vozes em defesa de um purismo inexistente, às vezes calcada em agendas sociais e políticas. Nesse sentido, fecho com Candido, o que só vem a corroborar minhas análises. Aliás, se retrocedermos um pouco no tempo, veremos que Goethe, por exemplo, à época em que o nacionalismo era uma dos constitutivos da criação de nossa literatura nacional, posicionava-se contra o nacionalismo e o isolacionismo. Pouco depois, e do mesmo modo, Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*, sustentavam que os produtos intelectuais de nações particulares deveriam tornar-se um bem

geral e afirmavam: “a unilateralidade e estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das muitas literaturas nacionais e locais vai se formando uma literatura universal”² Mas, isto não se trata de uma unanimidade. Pierre Bourdieu, por exemplo, se opõe à ideia de que a vida intelectual seja espontaneamente internacional; para ele, assim como todos os espaços sociais, ela é trabalhada por nacionalismos ou imperialismos baseados em preconceitos, estereótipos, ideias preconcebidas...

3. Como professor de graduação e de pós-graduação, há algum trabalho de Antonio Candido em alguma disciplina que você leciona? Pode comentar um pouco como você o apresenta para seus alunos?

A gente vai se fazendo aos poucos e a alteridade é de fundamental importância. No começo, imitamos aqueles professores que nos inspiraram ao longo do nosso percurso acadêmico, colocamo-nos, ainda que virtualmente, no lugar deles. Perguntamos a nós mesmos o que faríamos, como abordaríamos esta ou aquela obra, somos meio dependentes. É curioso como alguns professores sobrevivem em nossa memória, não necessariamente os mais simpáticos, os ditos *showmen*, mas aqueles que têm arcabouço, conteúdo e robustez intelectual, estes, passados anos e anos, continuam a sussurrar em nossos ouvidos, seja porque em um ou outro momento foram geniais, seja porque se nos mostraram repositórios de conhecimento e audácia crítica. Depois, criamos asas, mas aí já estamos “inspirados”. Foi desse modo que Candido adentrou as minhas aulas. Hoje, em recente curso que ministrei na pós-graduação, disciplina intitulada “Teorias da Literatura”, Candido veio de arrasto dialogando com Adorno, Auerbach, Bloom, Compagnon, Friedman, Cortázar, Borges e outros. A primeira parte de *Literatura e Sociedade*, composta por textos como “Crítica e sociologia”, “A literatura e a vida social” e “Estímulos da criação literária” constituíram-se importantes fios na urdidura do curso, em permanente diálogo com a reflexão dos outros autores, revelando a abrangência, a amplitude, enfim, a importância das ideias do crítico. Em suma, Antonio Candido é apresentado em pé de igualdade com autores reconhecidamente influenciadores no âmbito dos estudos literários. Aliás, ocorre-me agora que a forma como Candido se aproxima do texto é muito similar à de Jean Starobinski: lúcida, clara, envolvente!

² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifest der Kommunistischen Partei (1848)*. Studiensaussgabe Ed. par Iring Fetscher, 1966, p. 62 (traduit par J.-J.) – « La partialité et l’étroitesse d’esprit se révèlent de plus en plus comme impossible et à partir de nombreuses littératures nationales et locales de forme une littérature universelle. »

4. Em entrevista, Antonio Candido destacou a falta de discussões sobre suas análises. Tendo isso em mente, que discussão você proporia a respeito de algum trabalho do estudioso?

Particularmente, acho que vivemos um momento paradoxal em que ou a teoria se sobrepõe ao texto, ou a leitura se realiza pura e simplesmente para atender causas sociais e políticas. Ler para entender nosso *eu* essencial, definitivamente está fora da pauta. Não que não seja necessária uma revisão do currículo (o que, aliás, já ocorreu), isso não se discute, mas interpretar o texto e esmiuçar aspectos da diegese e da mimeses, entre outras coisas, a mim, parece-me ainda algo essencial. É comum o aluno abraçar a causa e em benefício da militância ajustá-la ao poema, quando deveria ser o contrário. O resultado é que de um lado o texto passa a ser um mero exercício de escrita, não ressoa, é refratário, o poema não muda mais o mundo; do outro lado, defrontamo-nos com uma geração de alunos que não lê mais literatura, mas comentários na internet, especialmente em blogs, e artigos acadêmicos sobre as obras, ignorando o texto. Sei de alunos que jamais leram Machado de Assis e, tardiamente, na universidade, limitam-se aos teóricos que se debruçaram sobre a escrita machadiana, resultando em uma formação, a meu ver, meio manca. Em muitos casos as aulas de literatura, em cumprimento ao academicismo, supervalorizam autores a partir de experimentos linguísticos, ou porque abusam da metalinguagem, ou ainda porque são *experts* em esconder o narrador, por exemplo. A crítica segue a mesma toada e, hoje, produz resumos para que o leitor tenha livre acesso a essas obras e, enquanto exercício crítico, procura agradar autor e leitor na mesma medida. A meu ver Candido destoa desta crítica, pois as suas análises críticas induzem a uma formação de leitores. O leitor comum não está interessado em estruturalismo, desconstrucionismo, em Derrida, em Jakobson etc; o leitor comum quer a fábula, o relato, enfim, o texto, quer se ver no texto; e, do crítico, ele espera alguém que passe a bola para ele, isto é, alguém que faça a ponte entre a obra e ele, leitor comum, alimentando-o, revelando o porquê de se ler este e aquele livro. Críticos como Álvaro Lins, José Veríssimo, Plínio Barreto, Sérgio Milliet não teriam mais espaço, até mesmo Agripino Grieco, que Candido chama de franco-atirador. Os críticos que acabo de mencionar eram verdadeiras bibliotecas ambulantes, possuíam um conhecimento profundo não só da literatura brasileira, mas também de outras literaturas, porque construíram esse cabedal à custa de muita leitura. Não é fácil cortejar o leitor escrevendo notas de rodapé e análises críticas semanais, e induzi-lo à leitura de narrativas, fábulas e poemas. Para isso é preciso ler. Contudo, um crítica à moda antiga, estilo Lanson e Sainte-Beuve, analisava o homem e a obra, que, às vezes, trazia um matiz tão ficcional que se

rivalizava com a obra. Não por outra razão Candido afirma que a crítica é um gênero auxiliar, lateral e dependente. Ao reiterar isto a partir da autoridade de Candido não quero dizer que se deva menosprezar a crítica – e nem Candido disse isso. Aqui, acho que vale lembrar um pouco do início das atividades de Candido como crítico no jornal, veículo em que cultivou sua “paixão pelo concreto” – como costumava dizer –, ao designar um tipo de leitura e análise que brotam da obra e seu contexto, e não o contrário. Em resposta à pergunta, acho que *O Observador literário* e *Ficção e Confissão* trazem ensaios exemplares em que a intuição (não falo da crítica impressionista anterior a Candido) guia uma leitura profunda da obra, e, a partir da obra, do texto, é que se desvelam as ideias e a crítica à sociedade, tudo isso, é claro, atribuindo certa prevalência aos fatores estéticos. Talvez seja esta a discussão que proporia: como o crítico analisa o texto sem relativizá-lo face à ideologia, mas explora a “relação deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade”, mesmo quando este pretende ultrapassá-la, de forma a não haver qualquer desorientação da interpretação, ou seja, valendo-me do dito de Bloom, não deixando a causa identificar-se ao poema, mas o poema à causa? Proporia isso porque, afinal, um texto, um poema, adquire todas as perturbações humanas, incluindo o medo da morte, razão pela qual a literatura quer ser literatura (isso não é meu, lembrei-o de memória, mas alguém o disse, talvez o próprio Bloom, que muitos detestam!) e dela nos alimentamos.

5. Como epígrafe dessa entrevista, pedimos que cite alguma passagem escrita por Antonio Candido que possa ser exemplar de sua visão da obra desse estudioso ou que possa dialogar com esta entrevista.

Trago um trecho do ensaio “O escritor e o público”, instante em que Candido arrola os três elementos que perpassam e alimentam a circulação das ideias literárias: o autor, o público e os terceiros, no caso, os críticos.

“Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* por terceiros.”

6. Você pode dar um título para a presente entrevista?

Releituras com Candido. Talvez porque o crítico sustentava que a leitura e a releitura é o primeiro movimento crítico – e do crítico.

Muito Obrigada!

Joelma Siqueira, Departamento de Letras/DLA-UFV